

FICHA TÉCNICA

Título original: *Seasons' End*

Autor: *Will North*

Copyright © 2013 by Will North

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio

Edição portuguesa publicada por acordo com Susan Schulman A Literary Agency, Nova Iorque

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Marta Mendonça*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2015

Depósito legal n.º 394 053/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

UM

A princípio ele pensava que se tratava de um veado.

Ainda não tinha amanhecido, no que prometia ser mais um dia fantástico de final de verão. A neblina matinal começava a levantar-se. Não que se «levantasse» de facto. E não que fosse realmente neblina, para dizer a verdade. Era apenas o que os habitantes da ilha chamavam a esse estranho fenómeno marítimo, uma vez que «massa de ar marítima» era uma definição demasiado rebuscada para um acontecimento diário. Nas primeiras horas da madrugada, por ocasião do final do verão, pairava qual cobertura a cerca de trinta metros do chão e, à medida que o ar de cima aquecia, plumas de neblina desciam e erguiam-se, rodopiando como fantasmas por entre os ramos fartos dos abetos que cobriam a ilha. Depois, num determinado momento altamente indeterminado da manhã — os clientes habituais do quiosque de café Burton faziam apostas quanto ao momento exato —, desaparecia simplesmente, como o vapor dos bueiros das ruas de Manhattan que ele recordava da sua infância. A neblina não se dispersava, como acontece com as nuvens. Em vez disso, desaparecia numa espécie de prestidigitação meteorológica. Quem não prestasse atenção perdia o fenómeno por completo.

Colin Ryan prestava atenção. Embora ainda fosse a primeira segunda-feira de setembro de 2012 e a noite tivesse estado quente, no seu passeio de bicicleta dessa manhã Colin já antecipava a chegada do frio outonal. Estava presente no odor mais intenso do ar que soprava vindo do Pacífico e na mudança subtil da qualidade da luz quando o Sol em trânsito desenhava uma rota mais baixa e

meridional no céu. Estava presente nos grasnados ressonantes dos gansos de arribação que começavam a substituir as risadas das crianças que veraneavam na praia. Estava presente no modo como, em poucas semanas, as folhas dos amieiros e dos áceres de folha larga dessa ilha de ramagem essencialmente perene não mudavam exatamente de cor mas iam ficando lentamente mais claras à medida que morriam, revertendo para os verdes pálidos da primavera, como se o filme das estações do ano estivesse a passar ao contrário. O verão não se extinguia no Noroeste Pacífico como acontecia no Nordeste, de onde Colin era nativo; saía graciosa-mente de cena. E ali, em pleno estuário de Puget, rodeado pelas montanhas Olympic perpetuamente cobertas de neve a oeste e pelas cascatas a este, Colin achava-o inteiramente apropriado. A ostenta-ção era desnecessária quando havia grandiosidade em todo o lado. Mas, na meia-luz da madrugada, ele percebia que o fim se aproxi-mava, o outono que chegava já sugava a medula óssea do verão.

Ainda havia dias quentes, porém, e ele aproveitava-os ao máximo. Estava a terminar o seu passeio de bicicleta antes do amanhecer, uma circum-navegação de treze quilómetros na metade sul da ilha, algo que fazia todas as manhãs antes de abrir a clínica, desde que o tempo o permitisse. Haviam decorrido quase duas décadas desde que se mudara para a ilha, para ficar à frente do consultório veterinário local.

Colin estava debruçado sobre o guiador, a descer a extensão íngreme e sinuosa da Vashon Highway a toda a velocidade, a sul da aldeola denominada Burton, com os pneus da bicicleta de cor-rida a assobiarem sobre o asfalto coberto de orvalho, qual fita adesiva a ser arrancada do dispensador, quando avistou adiante uma massa escura no meio da estrada.

Os veados eram uma ameaça o ano inteiro na ilha de Vashon, mas o perigo agravava-se com a chegada do outono, como se, na ânsia de ganharem o máximo de peso possível para se aguentarem durante o inverno, aquelas criaturas perdessem completamente a noção do perigo assim que avistavam um irresistível pedaço de terreno cheio de ervas. Devido à copa densa da floresta de coníferas, muitos desses irresistíveis pedaços de terreno situavam-se junto às

bermas banhadas de sol das estradas estreitas da ilha. A «autoestrada» não passava de uma faixa de asfalto com dois sentidos, estendendo-se desde a doca do *ferry* na extremidade norte da ilha até ao seu preciso oposto na extremidade sul, a cerca de vinte quilómetros de distância. O nome algo pomposo de «autoestrada» datava da altura, não tinha ainda decorrido muito tempo, em que a ligação por terra dos *ferries* do Sul aos do Norte ficou finalmente assegurada por uma estrada contínua pavimentada, um sinal claro de progresso e um motivo de orgulho local que exigia um nome à altura desse orgulho. Sempre que Colin consultava um mapa das estradas da ilha, algo que fazia com frequência quando levava a cabo consultas ao domicílio às várias propriedades rurais, o padrão das estradas secundárias perpendiculares que se ramificavam a partir da Autoestrada fazia-lhe lembrar a espinha de um salmão descarnado.

A população de veados de Vashon funcionava como uma espécie de chamariz turístico. Plácidos como vacas esbeltas enquanto mastigavam pitorescamente nos jardins das casas, nos pomares de macieiras, nos pátios das famílias e ao longo da estrada, e graciosos como bailarinos em pontas sempre que se movimentavam, os veados eram o tema favorito para as fotografias, como se tivessem sido ali colocados por parte da Câmara Municipal para deleite dos turistas. Contudo, os veados eram uma dor de cabeça para os habitantes locais, uma vez que o custo de erguer e manter vedações altas e à prova de veados em torno das hortas familiares era muitas vezes superior a qualquer vantagem económica de que pudessem usufruir ao cultivarem os seus próprios alimentos. As duas espécies — veados e habitantes locais — travavam uma batalha existencial perpétua: os veados tentando entrar nos jardins, e os habitantes locais tentando mantê-los afastados, levando sempre a um impasse. Também não ajudava o facto de os veados se reproduzirem como coelhos e de o seu único predador aparente ser o automóvel — isso e o ocasional caçador urbano tresloucado que apanhava o *ferry* em Seattle no inverno e que nem sequer pensava duas vezes antes de disparar sobre campos e pátios contra tudo o que se mexesse.

* * *

Colin travou a fundo e parou no pavimento escorregadio, numa zona onde a estrada se nivelava ao longo da margem norte do Porto Exterior de Quartermaster. Sob a luz ténue que conferia uma tonalidade pérola ao céu a este, ele avistou uma garça-azul-grande empoleirada num pedaço de madeira flutuante junto à borda da água, imóvel qual cangalheiro. Ele tirou os pés dos pedais, encostou a bicicleta à grade de proteção e atravessou a estrada, com os ténis de ciclismo a ecoarem no pavimento, fazendo lembrar um metrónomo.

Dali a meia hora, o trânsito para o primeiro *ferry* da manhã na extremidade sul da ilha, rumo a Tacoma, começaria a fazer-se sentir e, apesar de ser Dia do Trabalhador, a estrada agora deserta ficaria bastante movimentada. Colin sabia que teria de arrastar o veado até à berma da estrada para que não houvesse mais nenhum acidente. Não era a primeira vez que o fazia. Interrogou-se sobre o que teria acontecido ao carro que tinha batido na criatura. Àquela hora, o mais certo era ter sido uma *pickup* a cair de podre pertencente a um dos operários da ilha, o tipo de pessoa menos capaz de conseguir fazer face aos custos de uma reparação, a mais vulnerável em termos financeiros a qualquer tipo de acidente, quer pessoal quer de viação. Era costume esses operários fazerem-se acompanhar por um cão idoso e muito estimado; Colin cuidava desses animais quando eles adoeciam, muitas vezes a troco de nada.

Ao aproximar-se da carcaça inerte no asfalto, todavia, ele apercebeu-se, mesmo à meia-luz da madrugada, de que algo não batia certo em relação ao veado. Em vez da habitual pelagem castanho-avermelhada infestada de pulgas, o veado envergava um vestido de cerimónia preto curto. E sandálias prateadas de salto alto. E não era um veado.

* * *

O corpo estava deitado de costas, mas a cabeça estava posicionada de lado, o rosto escondido por trás de uma melena de cabelo louro claro matizado do sol. Os membros esguios e bronzeados estavam caídos como os pauzinhos de *Mikado* de uma criança.

Colin não precisava de ver o rosto. Reconheceu o vestido. Tinha-o admirado, assim como à mulher que o envergava, escassas horas antes, na festa de praia anual que as famílias que há muitos anos ali passavam o verão organizavam todos os anos na noite anterior ao Dia do Trabalhador, o dia antes de abandonarem a ilha durante os meses de inverno.

O corpo pertencia a Martha Petersen Strong, conhecida por todos na praia como «Pete». Ele conhecia-a e estava apaixonado por ela há mais de vinte anos.

DOIS

Colin Ryan conheceu Tyler Strong numa agência imobiliária em Regent Street, à saída de Picadilly Circus, em Londres, num final de manhã de sexta-feira chuvoso, em setembro de 1984. A agência ficava no andar imediatamente por cima do Centro de Informação Turística, no rés do chão. As escadas estreitas conduziam a um escritório amplo com as paredes pintadas de cinzento-pérola e com janelas georgianas altas que deixavam entrar toda a luz de Regent Street. O chão estava coberto por uma alcatifa industrial cor de carvão. Um balcão de atendimento comprido e preto, semelhante aos dos bancos, com aberturas que faziam lembrar guichés, estendia-se a todo o comprimento de uma das paredes da divisão. Colin estava diante de um guiché a consultar uma longa lista de *bedsits* baratos, o nome que os Britânicos dão aos estúdios com partilha da *kitchenette* e casa de banho, com uma agente jovem e atrevida de olhos castanhos grandes e profundos carregados de *kbol*, e uma blusa com um decote ainda mais profundo, quando uma voz melodiosa soou atrás dele:

— Olhe cá, meu velho, e se partilhássemos um espaço mais apropriado?

A julgar pela pronúncia, a voz era certamente de um americano, e pela maneira de falar parecia ser alguém de certa idade, mas quando Colin se virou para trás deparou com um jovem sorridente da sua idade que estava claramente a fazer troça do facto de ambos serem, como diriam os Ingleses, «das colónias». O tipo tinha o cabelo ruivo, o nariz comprido e estreito, lembrando a Colin um galgo afegão, e era invulgarmente alto, à vontade uns quinze centímetros mais alto do que Colin.

A mão dele surgiu de repente:

— Tyler Strong — disse o jovem, como se Colin devesse reconhecer o nome, o que não era o caso. A atenção dos olhos castanhos da agente imobiliária desviou-se de imediato.

* * *

Colin Ryan estava em Londres para se tornar veterinário. Era uma forma manifestamente invulgar de um norte-americano se tornar veterinário, a não ser que se fizessem as contas aos custos. Era o tipo de miúdo que levava gatos vadios para casa, há anos que sabia que queria ser veterinário e sempre sonhara tirar o curso em Cornell. Porém, a mãe viúva não tinha dinheiro suficiente para o matricular nessa universidade e, em parte devido ao caos vivido durante a infância, ele também não tinha conseguido as notas necessárias no secundário para ter direito a uma bolsa de estudo. No entanto, a sua orientadora vocacional, que também fora sua professora de Biologia, acreditara nele. Após alguma pesquisa, ela descobrira que devido ao facto de a libra esterlina ter sofrido a maior desvalorização de sempre em relação ao dólar, Colin podia ingressar no London's Royal Veterinary College por sensivelmente metade do que custaria matricular-se em Cornell. Ele fora aceite, estava a meio do último ano da faculdade e tinha estado a morar num apartamento em Harrow, uma paragem de metro ainda distante na Metropolitan Line. A desvantagem era ser uma viagem bastante longa até à cidade; a vantagem era o facto de ser barato. Mas o senhorio dele, um conservador picuinhas do Victoria and Albert Museum com pretensões a magnata do ramo imobiliário, havia aumentado a renda e Colin já não conseguia pagar o espaço. Andava à procura de algo mais pequeno e mais perto.

Colin e Tyler abandonaram a fila da agência imobiliária, atravessaram a Regent Street e subiram um quarteirão até Brewer Street, onde encontraram um *pub* de esquina chamado The Crown.

— O que é que bebes? — perguntou-lhe Tyler, assim que se aproximaram do bar.

— Uma caneca de *London Pride* parece-me bem — replicou Colin —, mas quem paga sou eu.

— Disparate; eu é que convidei.

Colin encolheu os ombros.

— Como queiras.

O *pub* estava cheio com a clientela habitual da hora de almoço, composta por empregados de escritório. Colin viu, estupefacto, a loura oxigenada já entradota atrás do bar erguer a cabeça por cima da fila de três pessoas que tinha diante dela e gritar para Tyler:

— O que é que vai ser, amor?

— Duas canecas de *Pride*, minha cara senhora!

— É para já!

Colin interrogou-se se teria sido a altura de Tyler que tinha chamado a atenção da mulher, mas havia mais homens altos na multidão. Não, era qualquer coisa nele, algo que chamava a atenção das pessoas e que a agarrava. Se tivesse sido Colin a fazer o pedido ainda estaria parado junto ao bar, com a mão no ar, à espera de ser atendido.

As canecas apareceram, cheias até ao rebordo. A empregada de balcão piscou o olho. Tyler pagou, disse-lhe que guardasse o troco e depois eles afastaram-se da multidão.

— Vens aqui muitas vezes? — perguntou Colin, ao mesmo tempo que faziam um brinde.

— Aqui? Nunca. Não faz o meu género; tem pouca história e nenhum ambiente. Nesse aspeto, Oxford tem uns *pubs* antigos fantásticos. E empregadas de balcão bastante mais novas!

Tinham conversado sobre de onde vinham e o que estavam a fazer em Inglaterra antes de terem chegado ao *pub*. Tyler estava a terminar o curso em Oxford antes de seguir para a Faculdade de Direito.

— Então mas afinal qual é a tua proposta? — perguntou-lhe finalmente Colin.

— É muito simples. Oxford: excelente universidade e, como já disse, *pubs* fantásticos, mas de resto é uma seca tremenda. A ação está toda aqui. Preciso de um poiso em Londres.

— «Um espaço mais apropriado»...

— Exatamente. E, na minha opinião, embora duas pessoas não tenham as mesmas despesas que uma só, a verdade é que podem

juntar recursos e arranjar um sítio melhor para viver do que se o fizerem individualmente. Os senhorios exploram as pessoas solteiras desta cidade.

Colin olhou para Tyler. O tipo vestia um casaco *Harris Tweed* com o padrão de espinha em tons outonais, uma camisola de gola alta creme que parecia ser de caxemira, calças de sarja cinzentas com pinças e sapatos *cap-toe* de camurça castanhos praticamente novos. Colin vestia calças de ganga, ténis, uma *T-shirt* preta desbotada e um casaco de malha cheio de borbotos que tinha comprado numa loja Oxfam em segunda mão, em Harrow.

Tyler olhou-o fixamente.

— Ouve, eu ouvi os valores que tu e aquela simpática agente imobiliária estavam a discutir. Posso pagar o dobro disso, pelo menos. E continuo a pagar mesmo durante os meses que estiveres lá mais tempo do que eu.

— Porquê?

Tyler esboçou um sorriso:

— Porque posso.

— Certo. Mas porquê eu?

— Para além do facto de seres americano como eu?

— Sim, para além disso.

Tyler fez uma pausa, afastou uma madeixa de cabelo que descaía e sorriu:

— Tenho alguns dons bastante úteis: sei distinguir qual a mulher que irá comigo para a cama numa sala cheia de gente e também sei reconhecer um homem honesto assim que o vejo. Podes parecer um *capo* da máfia nova-iorquina por causa dessa pronúncia, mas foste educado e muito paciente com aquela agente imobiliária, enquanto as outras pessoas foram agressivas. E não estavas a fingir.

— Pois, mas isso e um xelim não chegam para pagar o bilhete de metro — retorquiu Colin.

— O xelim já está extinto e os cavalheiros vão pelo mesmo caminho, caro amigo. — O sorriso de Tyler era irresistível. — E então, temos acordo ou não?

Colin sorriu, ergueu a caneca para Tyler e acenou com a cabeça:

— Temos acordo.

Em menos de nada, já de regresso à agência, Tyler havia conseguido um apartamento «mais apropriado» com duas assoalhadas e mobilado situado por cima de uma antiga cavalaria à saída de King's Road, no conhecido bairro de Chelsea, assim como o número de telefone da atraente agente imobiliária. Colin observava-o com um fascínio discreto. Era por de mais evidente que Tyler Strong estava acostumado a conseguir tudo o que queria e a fazê-lo sem o mínimo de esforço. Combinava um certo encanto pueril com uma postura lânguida a roçar na timidez que, Colin em breve viria a descobrir, atraía as mulheres como se estivessem sob um feitiço.

E apesar de existir uma abismal diferença de classe entre os dois, Tyler e Colin acabaram por ficar, em grande parte, «melhores amigos» nesse inverno. Também ajudava o facto de Tyler passar a semana inteira em Oxford e Colin ter o apartamento praticamente todo para ele.

* * *

Pete apareceu um mês depois de ele e Tyler se terem mudado para a casa.

Numa manhã de sábado bem cedo, em outubro, quando as folhas largas e amareladas dos plátanos defronte da janela do quarto dele começaram a formar um tapete na calçada lá em baixo, Colin foi acordado pela campainha da porta da rua. Partiu logo do pressuposto de que se tratava de Strong, demasiado embriagado, como de costume, para conseguir encontrar as chaves. Enfiou uma *T-shirt* à pressa, desceu as escadas vestido com os *boxers*, abriu a porta de par em par e já estava a virar-se de costas para tornar a subir as escadas quando se apercebeu de que a pessoa que estava à porta não era Tyler, mas uma rapariga de estatura baixa com um enorme saco de alpinismo pousado ao lado dela. O rosto da rapariga, delicado e angular, era ligeiramente comprido, como se tivesse sido moldado por Modigliani. Os olhos eram da cor da água do mar, alternando entre o azul e o verde sob a luz matinal, como se estivessem sujeitos ao movimento das marés, e eram salpicados de dourado, como o sol que incide sobre a ondulação.

— Olá, sou a Pete!

Colin olhou-a fixamente. Ainda não estava completamente acordado.

— A namorada do Tyler. De Seattle.

— Ah, certo... — replicou ele, embora não fizesse ideia porquê. Tyler nunca havia mencionado nenhuma namorada em Seattle. — Hum, acho que ele ainda está em Oxford.

De repente apercebeu-se de que estava especado à porta de casa, diante de uma jovem mulher incrivelmente bela, sem calças. Contudo, esse facto não pareceu incomodar minimamente a rapariga.

— Posso entrar? — perguntou o silfo.

— Caramba, peço imensa desculpa! Claro que sim; de manhã funciono a vapor. — Isso era um eufemismo; Colin quase não funcionava de manhã, pelo menos até ter bebido a segunda caneca de chá forte. — Dá cá a mochila; o nosso apartamento é lá em cima.

Emitiu um queixume ao levantar o saco do chão, interrogando-se sobre o que é que ela teria lá dentro e como é que uma mulher tão pequena, com pouco mais de metro e meio de altura, teria conseguido trazê-lo desde Heathrow.

— Peço desculpa por ter chegado tão cedo — disse Pete ao mesmo tempo que fechava a porta. O apartamento ficava por cima de um espaço que em tempos tinha abrigado cavalos e que agora albergava um *MG-TC* descapotável vermelho, impecavelmente restaurado e completo com jantes de liga leve, que pertencia ao senhorio bastante rico e bastante mimado deles, um príncipe saudita de segunda categoria.

— É que os voos noturnos dos Estados Unidos chegam praticamente de madrugada e eu não sabia que outra coisa fazer.

A atenção de Colin, nesse momento, estava fixada na parte de trás da mulher de proporções perfeitas, quase como uma boneca, que subia os degraus à frente dele. Vestia uma saia que lhe dava quase pelos tornozelos, com um padrão floral sobre um fundo amarelo seco, um casaquinho de algodão cor de gelado de baunilha francês e umas sabrinas cor de caramelo. Enquanto subia, percebia-se um ligeiro coxear na anca direita, uma assimetria que lhe dava um bambolear encantador. O cabelo louro comprido, quase tão claro como o casaco dela e com risco ao meio, reluzia qual feixe de luz entre as

omoplatas dela. Porque é que Tyler não lhe tinha dito que aquela criatura maravilhosa — aquela «namorada» — viria visitá-lo?

Colin arrumou o saco de Pete num canto do quarto de Tyler e convidou-a a sentar-se no sofá junto à janela saliente com vista para o *cul-de-sac* arborizado — as «cavalariças», como os Ingleses lhe chamavam. Depois de ter vestido umas calças de ganga, pôs música a tocar e foi para a cozinha preparar um chá. Quando regressou com as duas canecas, a rapariga dormia profundamente, enrolada qual gato cor de gengibre entre as almofadas coçadas do sofá. Ele viu o peito minúsculo dela subir e descer suavemente, o rosto cor de porcelana exibindo um descanso semelhante ao de uma criança. Ela tinha umas sardas ténues espalhadas sobre a cana do nariz. A mão direita segurava a face e os dedos esguios da mão esquerda, com as unhas impecavelmente arranjadas mas sem verniz, pendiam pesados em cima da almofada do assento, como borlas. Ele nunca tinha visto nada, nem ninguém, tão perfeito em toda a sua vida.

Ajoelhou-se e tocou-lhe no braço. Ela acordou com um sobresalto.

— Ups — exclamou ela, esfregando os olhos e sorrindo timidamente. — *Jet lag*.

Ele pôs-se de pé e estendeu-lhe a caneca de chá.

Ela espreitou para o interior e cheirou:

— Não há café?

— Hum, não; agora estás em Inglaterra. A escolha é entre um café intragável ou um chá maravilhoso. Opta sempre pelo chá; de nada serve ofereceres resistência.

Ela sorriu:

— E isto cura o *jet lag*?

— Na verdade não. Só se conhece uma única cura.

— Uma sesta?

— Errado. Um passeio. A luz do dia afeta a melatonina do teu cérebro, que por sua vez te diz quando dormir ou acordar. A tua melatonina está algures sobre o Atlântico, onde ainda é de noite. Tens de a deixar adaptar-se.

— Com uma sesta — repetiu ela, aninhando-se novamente nas almofadas com uma pequena risada.

— Com um passeio e bastante sol, o que, curiosamente para outubro, parece haver em barda, embora duvide que aqui lhe chamem «Verão Indiano». Uma sesta só vai agravar o teu *jet lag*.

— És médico ou quê?

— Mais ou menos. Mas a ciência é muito clara quanto a isto. — *Além do mais, gostava muito de passar o resto do dia contigo acordada*, disse Colin para si mesmo.

— Por isso, vou fazer-te uma proposta modesta — continuou ele.

— O Jonathan Swift não fez uma dessas também? — respondeu-lhe a rapariga, com mais uma risada. O riso dela fazia lembrar os sinos de um trenó.

— Isso foi há muitos séculos e eu não sou o Swift.

— Olha que não sei. Até ver, tens estado a sair-te bem...

Colin foi apanhado de surpresa.

— Mas afinal qual é a proposta? — perguntou ela.

Ele recompôs-se.

— Proponho irmos sair e ver o que é que Londres tem para nos oferecer neste dia fantástico, enquanto esperamos pelo regresso do Tyler. — Ele ouviu as suas próprias palavras e apercebeu-se do quão formal se havia tornado o seu discurso ao fim de uns anos a morar em Londres, o quão incongruentemente carregada continuava a ser a sua pronúncia nova-iorquina, e sentiu-se corar ainda mais.

Mas a rapariga sentou-se e sorriu como se fosse Natal. Depois mudou para uma expressão mais séria:

— Posso só perguntar-te uma coisa?

— Claro.

— Quem és tu?

— Hum?

— Quer dizer... quem és? Como é que te chamas? O que é que estás a fazer no apartamento do Tyler?

Ele não fazia ideia por que razão o seu companheiro de casa nunca tinha falado sobre ele à namorada — da mesma forma que não sabia porque é que nunca lhe tinha falado sobre a namorada. Ou sobre o facto de ela vir visitá-lo. Ou de não estar presente quando ela chegasse. E, contudo, também não o surpreendia por

completo. Tinha aprendido que Tyler Strong, embora afável e generoso, era uma pessoa cronicamente instável. Era costume ter a sensação de que Tyler andava perpetuamente distraído com uma narrativa paralela àquela em que vivia de facto mas à qual apenas comparecia de forma irregular. Costumava ter a sua piada... quando não era irritante. Nesse dia era irritante.

Colin abanou a cabeça, sorriu e apresentou-se. Beberam o chá. E depois de Pete se ter refrescado na casa de banho, saíram para as ruas frescas de outono, passearam por Chelsea e brincaram aos turistas, passando pelas lojas das grandes marcas ao longo da Fulham e da Brompton Road, até chegarem a Knightsbridge. Colin levou Pete até esse palácio de luxo imenso feito de tijolos vermelhos que era o Harrods e comprou um almoço volante no vasto piso térreo dedicado aos alimentos, com as suas extensões imensas de queijos e peixe e caça e carnes e fruta e legumes e pães, tudo disposto de uma forma tão artística que quase parecia que as pessoas que promoviam as roupas de *designer* dos pisos superiores eram igualmente responsáveis pela decoração do piso alimentar. Comeram sentados num banco em Hyde Park, junto a um lago comprido e curvilíneo chamado The Serpentine.

— Há quanto tempo é que tu e o Tyler namoram? — perguntou finalmente Colin.

Pete olhou para ele e, para surpresa dele, limitou-se a encolher os ombros.

Ele semicerrou os olhos:

— O que é que isso quer dizer?

Ela observou os cisnes que, quais quebra-gelos que limpam as massas de gelo flutuante, desenhavam faixas de água livre por entre as folhas caídas que cobriam a superfície do lago.

— Quer dizer que não faço ideia.

— Não sabes?

— Não, por acaso não. Quer dizer, sempre estivemos juntos, desde a infância. Sinceramente não sei dizer quando é que o «namoro» começou. Entendes?

Colin não entendia, mas disse que sim.

— Ele esteve sempre presente; eu estive sempre presente. Fomos sempre um «nós».

— E nunca tiveste dúvidas?

Ela desviou o olhar dos cisnes e fitou-o:

— Não. Até agora.

Ele sentiu uma pontada de esperança momentânea, antes de ela acrescentar:

— Mas porque é que ele não está aqui?

* * *

Colin sabia que o seu companheiro de quarto tinha passado a noite anterior com uma mulher de meia-idade incrivelmente bem preservada e de vestimentas dispendiosas que, ao que parecia, era proprietária do novo *pub* que eles tinham começado a frequentar, na zona limítrofe de West Kensington: o Bunch of Grapes. A mulher costumava sentar-se sozinha debaixo de uma arcada nas traseiras pouco iluminadas do bar. Uma luz minúscula por cima da cabeça dela conferia uma tonalidade cor de mercúrio ao cabelo preto espigado, realçava-lhe as maçãs do rosto já de si salientes e incidia sobre um fio de pérolas que se estendia, como lanternas a todo o comprimento de um caminho estreito, até ao declive entre os seios. Ela envergava um casaco de tafetá preto com chumaços, com o decote em V e as lapelas vermelhas, e, apesar de a luz lhe manter os olhos na sombra, o ângulo da cabeça dela deixava perceber que os estava a observar. Equilibrava um copo de martíni meio cheio entre três dedos com as unhas arrançadas.

— Estilo executivo — disse Tyler, entredentes. — Está a usar um *Thierry Mugler*.

— Hum? — respondeu Colin.

— É um estilista francês. Está muito na moda.

Uns minutos depois, o empregado do bar surgiu com um reabastecimento não solicitado de bebidas e depois inclinou a cabeça rapada na direção da mulher.

— Com os cumprimentos da patroa, cavalheiros.

Tyler acenou na direção da arcada e ergueu a caneca no ar. Quando o empregado do bar anunciou os últimos pedidos da noite, cerca de uma hora mais tarde, já Tyler se encontrava no regaço da executiva.

Colin olhou de relance para Pete e depois contemplou o Serpentine.

— Oxford não tem nada que ver com as faculdades dos Estados Unidos, sabes — disse ele, inventando à medida que ia falando. — Não há horários normais de aulas, nem nada disso. De certeza que ele ficou retido a rever um trabalho com um professor pomposo qualquer, Pete. Só isso.

Tornou a erguer o olhar. Detestava mentir-lhe.

Depois do almoço percorreram a Sloane Street no sentido sul. No caminho de regresso a Chelsea, por entre as multidões coloridas que se amontoavam nos passeios ao longo da King's Road, Pete enfiou o braço no dele. Colin sabia que era para evitar que se separassem, mas o gesto pareceu-lhe docemente íntimo também. Conversaram e riram-se e ele absorveu o entusiasmo dela como se de oxigénio se tratasse.

A noite caía quando regressaram ao apartamento; Tyler estava a dormir no quarto dele. Não havia sinal de que tivesse reparado sequer na mochila de Pete. Ela espreitou o namorado inerte e depois foi dar com Colin na cozinha, a inspecionar o interior do frigorífico.

— Ainda tenho os restos do caril indiano do *take-away*. Tem apenas dois dias! — Na mão tinha uma caixa de papel branca e mole.

Pete sorriu e abanou a cabeça.

— Estou praticamente a dormir em pé, Colin; não aguento mais o *jet lag*. Mas diverti-me imenso contigo, hoje. — Ela puxou-lhe a manga, pôs-se em bicos dos pés e beijou-o na face.

— És um tipo impecável, Colin Ryan.

Colin encolheu os ombros:

— Bem-vinda a Inglaterra, Pete.

Ele viu-a fechar a porta do quarto de Tyler, depois despejou o caril numa panela, ligou o bico elétrico e olhou pela janela para o pátio lá em baixo.

Fantástico. Estou apaixonado pela namorada do meu companheiro de casa.